



## PROJETO BOLA NA MÃO GOL CIDADÃO COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E NO ESPORTE

Edvaldo Cesar da Silva Oliveira  
Maria Márcia Viana Prazeres  
Ioranny Raquel Castro de Sousa  
Gislene Moreira Nogueira Faria  
Tânia Mara Vieira Sampaio

### RESUMO

*O objetivo do estudo foi analisar as questões relacionadas ao preconceito de gênero existente dentro do ambiente escolar, realizado em uma escola da zona leste de Teresina-PI. A metodologia utilizada foi qualitativa, utilizou-se um questionário com questões abertas, respondidos por 138 pessoas. Os resultados evidenciaram: quebra de preconceitos sobre discussão da sexualidade no ambiente escolar e perspectivas para o futuro. Observou-se que houveram melhorias relacionadas aos participantes quanto a questões da autoestima, o que contribuiu para promover mudanças nas relações escolares e familiares.*

Palavras-chave: Políticas Públicas, Handebol, Preconceito.

### INTRODUÇÃO

As políticas públicas são organizadas para garantir às comunidades menos favorecidas uma melhoria no seu bem estar social. Nesse sentido, o desenvolvimento educacional poderia ser considerado um aspecto importante para a diminuição da desigualdade social. Nesta pesquisa trataremos especificamente dos aspectos relacionados aos preconceitos de gênero.

O preconceito constitui uma temática bem complexa pois compromete o bem estar do indivíduo na sociedade. A definição utilizada neste trabalho para preconceito é:

[...] forma de pensamento na qual a pessoa chega a conclusões que entram em conflito com os fatos por tê-los prejudgado. (MAX, 2011, p. 1).

A discriminação e a dificuldade em aceitar o diferente está bem mais inerente ao cotidiano do que a sociedade revela. O preconceito condiciona um ambiente social desestabilizado, pois é muito difícil respeitar as diferenças sem levantar questionamentos baseados em algumas verdades pré concebidas.

Às portas do novo século a sociedade em geral torna-se cada vez mais consciente das diferenças e multiplicidades sociais emergentes que a

compõem, bem como da necessidade de regular os vários aspectos envolvidos nos relacionamentos sociais decorrentes dessas diferenças (BANDEIRA e BATISTA, 2002 p. 5).

A condição de novos valores e procedimentos está alterando concepções relacionadas ao preconceito, possibilitando a sua desconstrução e o fortalecimento de um padrão social bem mais aceitável, não necessariamente devido à coerção da lei ou de outros mecanismos de punição.

Estas podem ser susceptíveis de regulação com base em novos valores que pretendem gerar uma “ética de igualdade”, baseada no respeito (moral) e no reconhecimento (direito) das diferenças e dos pluralismos, que dependa cada vez menos de leis e procedimentos formais (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p. 1).

Segundo Shimizu *et al.*, (2006) a educação para os valores representa uma grandes preocupação e foco de discussão nos mais diversos campos: político, científico, religioso, midiático e, especialmente, no campo educacional.

Dentro da organização social, a partir do momento em que o poder público, através da elite política, favorece ou desfavorece determinados grupos identificados por sua etnia, raça, religião, sexo, região, temos a negação da legitimidade de existir e de se exprimir, deixando as portas abertas às práticas preconceituosas e discriminatórias. “Em outras palavras, nega a possibilidade do outro (da diferença) de ter acesso seja ao arsenal jurídico de igualdade e de equidade como traço ideológico dominante, seja ao reconhecimento e participação política” (BANDEIRA e BATISTA, 2002, p. 120).

Uma sociedade que não prioriza o desenvolvimento da igualdade como algo normal, pode estar fortalecendo comportamentos preconceituosos. Dentro da escola muitas vezes percebe-se processos de grande discriminação e preconceitos que podem ser de gênero, raça, condição econômica, religião entre outros, (SHIMIZU, 2006) constituindo uma grande distância entre o que deveria “ser” para o que realmente “é” a realidade escolar brasileira.

Existem regras bem definidas de respeito e procedimentos morais que variam de acordo com o habitus estabelecidos em diferentes períodos da história da educação de nosso país, como forma de gerenciar e direcionar alguns valores de conduta dos educandos, tentando com isso unificar pensamentos e evitar diferenças.

[...] diferentes modelos de educação moral são marcados, basicamente, por três tipos de concepções: o “dogmatismo moral”, pelo qual a educação está baseada em valores absolutos inquestionáveis e imutáveis, impostos por um poder autoritário de forma coercitiva; o “relativismo moral”, pelo qual as normas de conduta e os valores morais são considerados subjetivos e

individuais, não havendo um consenso sobre a melhor forma de agir; e os modelos baseados na ‘construção racional e autônoma de valores’, que buscam o desenvolvimento de situações que facilitem a construção da autonomia do educando e a participação democrática dos vários membros da escola (SHIMIZU *et al.*, 2006, p. 168).

Porém, dentro do ambiente escolar existe uma luta entre os padrões desenvolvidos pela escola que podemos chamar de “cultura escolar, baseados na homogeneização, normatização, rotinização e didatização” e os padrões sociais que são inseridos dentro desse ambiente com toda sua diversidade e conflitos que podemos classificar em cultura da escola. Fato este, ignorado pela cultura escolar (LOPES, 2009, p. 3).

Sendo assim essas múltiplas culturas que são desconsideradas quando entramos na escola, podem gerar comportamentos arbitrários produtores de condutas discriminatórias. As diferenças existentes dentro desse universo escolar, algumas vezes “gera preconceitos contra pessoas e/ou grupos diferentes da maioria, culminando com um quadro de exclusão” (LOPES, 2009, p. 6).

A discriminação tem sido promovida e reforçada na educação escolar de diversas formas. As condições que muitos governos vêm dando à escola pública são alguns fatores que fazem com que o próprio educador acabe, sem perceber, reproduzindo e reforçando a discriminação e o preconceito, os quais acabam por gerar a violência.

Por conta da grande contribuição do professor nos processos de aceitação e diminuição das ações preconceituosas, e em alguns casos uma certa falha nos resultados esperados, pode-se pensar que algo a mais está envolvido nesse processo, assim não se pode desconsiderar a enigmática fase do desenvolvimento humano denominada adolescência. “A adolescência é uma fase marcante do desenvolvimento humano, talvez definitiva para a formação da personalidade, com limites imprecisos” (FARIAS *et al.*, 2009, p. 1).

Segundo o Ministério da Saúde:

[...] o desenvolvimento sexual do adolescente sofre influências de si próprio, da família, de sua cultura e subcultura e de seus companheiros, sendo a pressão do grupo, talvez, o fator mais poderoso para determinar seu comportamento (BRASIL, 1999, p. 17-18).

Essa condição de mudança e transformação sofrida por esses adolescentes recebe um reforço pela condição da fase da vida que essas pessoas estão passando. “A adolescência é entendida como uma fase de indefinição, de transição, e ainda, um período passível de conflitos e crises, porém um período de busca de liberdade” (SILVA, SILVA e ALVES, 2004, p. 1).

Nas escolas, é a partir da idéia de heterossexualidade que os conteúdos sobre

sexualidade são elaborados, tais como funções dos corpos masculinos e femininos, esportes praticados, comportamentos sociais, vestimentas entre outros aspectos. Sobre essa matriz, apenas o que se encaixa no sentido cultural e predominante como “normal” e “natural” são selecionados para fazer parte do currículo e das relações interpessoais, ficando “o diferente”, legado a um status de inferioridade e exclusão marcando as pessoas que não estão dentro do padrão reconhecido uma autopercepção de estarem equivocados. Esse pensamento se refere principalmente à formação de imagens que motivam os julgamentos e questionamentos existentes no ambiente escolar.

O heterossexismo descreve uma atitude de preconceito que acaba por suprimir os direitos de cidadania, classificando como inferiores pessoas cuja opção sexual é visto pelos heterossexuais como problemas sociais. A institucionalização do heterossexismo é reforçada em nossa legislação, nas religiões, na língua e nas escolas, conferindo uma violação aos direitos humanos semelhante ao racismo e ao sexismo. Esse procedimento é por vezes reforçado, pelo fato de ser a homossexualidade entendida como promiscuidade, deixando de se reconhecer no outro, o seu direito de escolha” (TANNO, 2007, p. 3).

Em algumas escolas existem políticas de combate a problemas de discriminação através de programas ou projetos escolares. Infelizmente na grande maioria das vezes, os “programas de educação sexual e reprodutiva, além de serem raros, ainda pressupõem a heterossexualidade como norma, a ponto de tudo aquilo que está ‘fora’ dela ser tratado como desviante” (GARCIA, 2009, p. 3) e, por conseguinte acaba por existir um quadro de marginalização do diferente que pode levar algumas vezes a processos discriminatórios dentro da escola.

Dentro do ambiente escolar as questões sexuais são muitas vezes encaradas como algo muito simples, ficando o diferente tendo que assumir um lugar de marginalidade ou conduzir uma postura de acordo com os padrões dominantes que na maioria das vezes são segregadores, obrigando a essas pessoas diferentes a abrir mão de sua identidade, podendo causar com isso um problema sério de caráter emocional.

A identidade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o indivíduo está inserido e também pelas experiências particulares que ele vivencia no interior dessa cultura que são irrepetíveis e determinam as idiossincrasias e a individualidade de cada um (SALES e SILVA, 2008, p. 151).

Parece que existe dentro do ambiente escolar uma necessidade de resumir as partes a um todo contínuo, uma necessidade de criar modelos, onde as práticas diferentes são encaradas como ruim, errada ou inaceitável. Nos esportes temos afirmações errôneas que

caíram em senso comum como “fazer gol deve ser com os pés”, “quem joga bola com a mão é mulher”, “dança é coisa de mulher”.

Essas afirmações são muitas vezes aceitas como verdades absolutas, quase um dogma e, por conseguinte condenando o diferente a um processo de discriminação e preconceito. “A persistência na unificação está associada a uma estrutura de poder cultural, a uma tentativa de impor uma hegemonia cultural, que define quem está incluído e quem não está, ou quem está excluído” (SALES e SILVA, 2008, p. 154).

A promoção de uma educação afetivo-sexual na formação de professores requer a inserção de uma cultura de valores voltada para a tolerância, a cidadania, a integridade, a solidariedade, a ética e a personalidade, cuja finalidade seria a de esclarecer no âmbito da sala de aula o significado desses valores. “Percebe-se, nas conversas com os jovens que a sexualidade é tema de prioridade para eles, provoca debates, polêmicas, interesse e atenção. Para os jovens, sexualidade se entrelaça tanto com afetividade, quanto com sociabilidade e relações sociais de distintas ordens” (GARCIA, 2009, p. 10). A juventude é uma fase em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação de sua identidade.

É por conta desses aspectos tão complexos e diferentes que o ambiente escolar ainda é algo muito difícil de ser entendido do ponto de vista das relações sociais e principalmente da aceitação dessas diferenças sociais, culturais, econômicas. Podemos deduzir que simplificar as diferenças é mais fácil que aceitar e principalmente respeitar, encarando o diferente como proposta de escolha e não como algo ruim e pejorativo.

Deve-se refletir que as diferenças são importantes para construção dos espaços sociais e principalmente para melhoria das relações interpessoais e, por conseguinte a diminuição dos processos discriminatórios e preconceituosos tão devastadores na vida das pessoas pertencentes a essas minorias oprimidas.

O presente trabalho teve por objetivo analisar as questões relacionadas ao preconceito de gênero existente dentro do ambiente escolar e manifestado pelos participantes do Projeto Bola na Mão Gol Cidadão desenvolvido na comunidade Vila Bandeirantes -Teresina-PI, identificando o potencial que existe em projetos sociais pautados na prática da atividade física e esportiva, no combate a questões preconceituosas desenvolvidas dentro de uma escola, localizada em uma área de vulnerabilidade social.

## MATERIAIS E MÉTODOS

A referida pesquisa foi submetida ao comitê de ética em pesquisa da Universidade Católica de Brasília, obtendo aprovação, conforme o parecer, número 194/2010. Foi uma pesquisa qualitativa do tipo interpretativa, a qual exige observação aprofundada e rigorosa da situação dos sujeitos no contexto da pesquisa (ERICKSON, 1989).

Foi realizada uma investigação na escola CAIC Balduino de Deus da rede estadual de ensino, localizada na comunidade do bairro da Vila Bandeirantes, zona leste de Teresina-PI, região com alto índice de vulnerabilidade social.

O instrumento da pesquisa consistiu em um questionário semiestruturado com questões abertas. A amostra foi constituída de 138 pessoas, incluindo familiares (SF), professores (SP), voluntários (SV) e estudantes (SE), para perceber como esses segmentos entendem as mudanças ocorridas dentro da escola e principalmente se estes têm uma percepção da importância do Projeto Bola na Mão Gol Cidadão.

Para análise dos resultados optou-se pela análise de discurso e posteriormente separados em categorias.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### CATEGORIA I: QUEBRA DE PRECONCEITOS

O grande problema do preconceito aqui apresentado se refere a estereótipos, a exemplo do estabelecido na relação do jogo com as mãos com uma habilidade feminina, que muitas vezes é associada a uma questão de gênero relacionado à homossexualidade, subentendendo que “o correto” como prática de homens seria jogar futebol e, qualquer coisa que fuja a essa idéia é encarada como errada ou marginal. De acordo com Sales; Silva (2008), a cultura escolar tende a defender a cultura geral e não aceitar as diferenças e singularidades, deixando uma visão preconceituosa a respeito das pessoas que não estão enquadradas na maioria, conforme foi observado pelo relato dos sujeitos da pesquisa que apresentam um quadro de discriminação e preconceito apenas por fazer algo que não acompanha a atitude da maioria.

No começo a comunidade tinha preconceito por pensar que esse esporte era só pra mulheres. Mas com o decorrer do tempo todos foram mudando de opinião foram conhecendo mais e gostando do esporte. Hoje em dia muitos garotos e garotas da comunidade praticam handebol (SE 5).

Quando o projeto iniciou na escola, ninguém quase se interessava porque achava coisa de “viado”, um esporte que não era pra homem. Mas com o

passar do tempo foram conhecendo melhor o esporte e mudaram sua opinião. Agora até eles perguntam como é o campeonato, se as viagens são boas. Eles ficam curiosos e como não temos raiva do que eles disseram no começo... respondemos (SE 15).

Baseado no que apresenta Lopes (2009), podemos entender que a escola procura unificar padrões sociais e algumas vezes, desrespeita as diferenças interculturais existentes dentro da variedade de pessoas que compõe o ambiente escolar. Observando-se o que disseram os alunos sobre essa posição, principalmente sobre a visão existente da escola, que muitas vezes unifica atitudes e discrimina a diferença gerando uma postura preconceituosa dentro da escola. Com a prática do handebol essas atitudes foram repensadas e muitas ações se modificaram, podendo ter gerado uma mudança de comportamento dentro do ambiente escolar.

Significou uma quebra de preconceitos que tinha na escola (SE 7).

A quebra de preconceitos na escola (SE 8).

Dentro da escola as discussões sobre sexualidade são pautadas a partir da cultura heterossexual, causando uma tentativa de unificar procedimentos, determinando funções do corpo, comportamentos sociais, vestimentas e até práticas desportivas como foi pontuado por Tanno (2007). Percebe-se que nessa pesquisa os alunos apresentam um quadro de motivação e satisfação com a prática do handebol. Apesar de terem enfrentado no início de suas atividades problemas de rejeição e preconceito dentro da escola. Nos relatos dos alunos, o jogo de handebol era encarado como sendo uma prática de homossexuais, mesmo o esporte tendo grande contato físico, e seus participantes apresentarem um desenvolvimento muscular considerável. Provavelmente essa relação entre homossexualidade e esporte se apresente devido ao fato do handebol fazer gol com as mãos, algo inconcebível dentro da cultura escolar que relaciona fazer gol com a prática de futebol e conseqüentemente o uso dos pés. Mas apesar de todas as dificuldades as pessoas envolvidas conseguiram superar esses problemas apresentando um sentimento de valorização e respeito, enfrentando todas as dificuldades e lutas para se fazer presente dentro do espaço escolar chegando até a modificar algumas atitudes da comunidade escolar em geral.

Significa motivação para alguns alunos, mas para outros dizem que é pra “viado”. Sempre que nós viajamos a diretora se emociona (SE 11).

No começo todos diziam que era coisa pra “viado”, diziam que isso não ia dar em nada. Mas quando nós começamos a viajar e ganhar, que saiu nos

jornais e ouvíamos boatos: os garotos do CAIC foram destaques no campeonato, foram campeão. Ai todos começaram a nos elogiar, ai de lá pra cá foi só elogio (SE 11).

Aceitam muito bem só que tem alguns colegas nossos que ficam com piadas chamando de Biba e coisa e tal, mas é bem aceito o handebol principalmente na minha família (SE 12).

Segundo Farias (2009), a adolescência é uma fase da vida muito complexa podendo ser influenciada, e principalmente ser caracterizada como a fase onde as personalidades são constituídas. Nessa pesquisa obtivemos relatos que muitos jovens praticavam o handebol devido à curiosidade e divulgação feita pelos próprios alunos, conseguindo assim diminuir as atitudes preconceituosas e mudar o pensamento discriminatório e segregador dessas pessoas para com os alunos que praticam o handebol dentro do CAIC.

Muitas coisas porque vários jovens ouviam os amigos falar e queriam saber o que era que eles falavam tanto. Fora os jovens, os pais começaram a gostar do esporte e mandavam os filhos ir. Porque eles viram que eles tavam convivendo com pessoas certas, e isso foi bom pra comunidade (SE 15).

A quebra de preconceitos na comunidade e a ajuda na comunidade como trazendo menores que ficavam na rua a praticar o esporte maravilhoso como o handebol (SE 8).

## CATEGORIA II: PERSPECTIVAS FUTURAS

A escola é o ponto principal de desenvolvimento de padrões sociais, culturais aceitos dentro da sociedade, mas infelizmente algumas escolas procuram unificar os padrões e procedimentos para evitar atitudes preconceituosas, procurando uma construção racional e autônoma de valores, que buscam o desenvolvimento de situações que facilitem a construção da autonomia do educando e a participação democrática dos vários membros da escola conforme Shimizu *et al.*, (2006).

Essa nova condição dos praticantes do handebol leva a um pensamento direcionado ao futuro com aspirações a mudanças familiares e perspectivas bastante animadoras e otimistas sobre o caminho a ser seguido, construído a partir da participação no projeto de handebol.

A possibilidade através do projeto de conhecer outras culturas, outros estados e o reconhecimento e também de ser contratado por outro equipe (SP 9).

Acho importante pois intera o aluno a sociedade, percebo a mudança e amor



ao esporte (SP 1).

Melhorou a vida das famílias (SE 40).

Representou varias coisas. O desenvolvimento. Despertou o interesse (SE 41).

Boa chance para o futuro. Grandes mudanças. Contribuição para o futuro (SE 32).

Mudou minha vida. Muita mudança na vida das crianças (SE 34).

Mudou minha vida. Uma experiência proveitosa (SE 28).

Dentro da prática do handebol no CAIC, podemos perceber que os alunos e familiares envolvidos apresentam uma mudança bastante positiva para melhoria do ambiente escolar. Fica claro com as falas das pessoas que o projeto de handebol desenvolvido na Vila Bandeirantes conseguiu aproximar a comunidade da escola.

Essa união apresenta muita importância nos resultados positivos de mudanças de atitudes e perspectivas futuras dos alunos envolvidos. Para Sales e Silva (2008) a identidade é construída nas circunstâncias históricas, culturais e sociais nas quais o individuo está inserido e também pelas experiências particulares que ele vivencia no interior dessa cultura que são únicas e determinam as idiossincrasias e a individualidade de cada um.

Ficando a escola um local de formação da atitude das pessoas. É essa condição mais preocupada com a conservação da escola e melhoria do seu ensino, que promove uma visão do futuro mais otimista para essa comunidade.

Uma forma de atrair a comunidade para a escola (SP 4).

A comunidade passou a procurar o entrosamento para com a escola (SP 50).

Vendo a melhoria significante em todo os setores e sentindo a comunidade abraçaram a causa hoje participando ativamente (SV3).

A prática do handebol no CAIC conseguiu motivar os alunos para uma mudança de pensamentos e comportamentos extremamente positivos para a melhoria das condições psicológicas e sociais dos alunos.

Segundo Trevisol (2008), alguns professores estão desqualificados, desatualizados, desmotivados. Utilizam procedimentos metodológicos que pouco desafiam os alunos a pensar, a construir conhecimentos. Em consequência disso, as aulas tornam-se pouco atrativas e não estimulam a participação dos alunos.

A prática do handebol proporcionou a esses alunos que antes não tinham muitas perspectivas para o futuro ter uma perspectiva de meta a ser alcançada. Algo que pode trazer perspectivas futuras relacionadas à melhoria econômica, de moradia e educacional.

Um conhecimento novo. Um esporte que proporciona muitas portas. Abre portas para muitos jovens (SE 22).

Representa união e o conjunto de amigos e familiares trazendo-me a conquista de uma nova maneira de vida dando um novo significado para minha vida (SE 23).

Eu vejo que o handebol é um esporte que comoveu todos principalmente os mais novos, os atletas. Nós estamos muito felizes com o handebol, a comunidade viu que o handebol é um esporte que mudou as vidas de muitos atletas pra melhor (SE 16).

A adolescência é uma fase da vida extremamente difícil e em comunidades menos favorecidas economicamente como a do CAIC esse período é ainda mais complicado. Silva, Silva e Alves (2004) mostram a adolescência como um período de crises e conflitos e em nossa pesquisa percebeu-se que essas dificuldades foram vencidas pela prática do handebol dentro do projeto, os alunos do projeto aparecem no imaginário da comunidade escolar como sendo pessoas mais preparadas para o futuro graças ao handebol.

Conforme os estudos de Farias (2009) que apresenta a adolescência como a fase onde a formação e consolidação da personalidade acontece, essa constatação foi evidenciada nos resultados encontrados entre os participantes do Projeto Bola na Mão Gol Cidadão que desenvolveram suas personalidades com vistas a um futuro melhor.

Significa meio de renascimento da vida. Um meio de ensinamento para os jovens (SE 4).

Significou tudo. Tudo que sou hoje é graças ao handebol (SE 5).

Contribui de forma excelente porque atletas continuam incentivando outras garotas e garotos a praticarem o esporte, além de ter um apoio familiar tendo o apoio dos vizinhos e amigos que me incentiva mais ainda a continuar na prática do esporte (SE 13).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o estudo conclui-se que o Projeto Bola na Mão Gol Cidadão consegue promover mudanças dentro da escola, comunidade da vila Bandeirantes e alunos do CAIC Balduino de Deus participantes do projeto.

Pode-se afirmar que houve um crescimento pessoal com possibilidades para um futuro melhor e uma vida mais promissora. Em relação aos aspectos relacionados à discriminação a prática do handebol ajudou a promover mudanças nessa comunidade. Com a prática deste esporte essas atitudes foram repensadas e muitas ações se modificaram, gerando uma mudança de comportamento.

Relacionado aos aspectos da sexualidade e o tabu existentes sobre esse assunto, as pessoas envolvidas com o projeto, as quais inicialmente foram vítimas de atitudes ou comentários preconceituosos conseguiram superar esses problemas, ocorrendo um fortalecimento das suas convicções, dos seus valores e do respeito. Conseguindo também enfrentar dificuldades e lutas para se fazer presente, diminuindo as atitudes preconceituosas, provocando a mudança de alguns comportamentos da comunidade escolar em geral.

Dessa forma, torna-se importante a implantação de projetos pautados na inclusão de seus participantes, no âmbito social e no esporte, bem como, a colaboração de profissionais conscientes do seu papel de educador e agente transformador, de forma que possa realizar uma intervenção de qualidade referente à democratização ao acesso às práticas esportivas e sociais, bem como a educação dos sujeitos envolvidos.

## BALL IN HAND GOL PROJECT CITIZEN AS A MEANS OF SOCIAL INCLUSION AND IN SPORT

### ABSTRACT

The aim of the study was to examine the issues related to gender bias exists within the school environment, held in a school zone east of Teresina-PI. The methodology was qualitative and used a questionnaire with open questions, answered by 138 people. The results showed: breaking preconceptions about discussion of sexuality in the school environment and prospects for the future. It was observed that there were improvements related to participants on issues of self-esteem, which helped to promote changes in school and family relationships. Keywords: Public Policy, Handball, Prejudice.

## BOLA EN MANO DEL PROYECTO CIUDADANO DE GOL COMO MEDIO DE INCLUSIÓN SOCIAL Y EN EL DEPORTE

### RESUMEN

El objetivo de este estudio fue examinar las cuestiones relacionadas con la discriminación de género que existe en el entorno escolar, que tuvo lugar en una zona al este de la escuela

Teresina-PI. La metodología fue cualitativa y utilizó un cuestionario con preguntas abiertas, respondida por 138 personas. Los resultados mostraron: romper prejuicios sobre la discusión de la sexualidad en el ámbito escolar y las perspectivas para el futuro. Se observó que hubo mejoras en relación a los participantes en temas de autoestima, lo que ayudó a promover cambios en la escuela y las relaciones familiares.

Palabras clave: Política Pública, balonmano, Prejuicio.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Lourdes; BATISTA, Anália Soria. Preconceito e discriminação como expressões de violência, Revista estudos femininos, 2002.

BRASIL. Constituição Federal (1988).Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado,1998

ERICKSON, F. Métodos qualitativos de investigación sobre la enseñanza. Buenos Aires, Paidós, 1989.

FARIAS, Maria do C. A. D.de ,CIPRIANO, Morgyanna A.1;2; ABRANTES, Maria J. G. de.3; COSTA, Lívia Almeida3; PEREIRA, Güedijany Henrique. Sexualidade Na Escola: Proposta Educativa Para Adolescentes,IV encontro de extensão da UFCG.2009.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. Homofobia e heterossexismo nas escolas: discussão da produção científica no Brasil e no mundo, Universidade Federal de São Carlos -UFSCAR/ Sorocaba,SP.2009.

LOPES, Jose de Sousa Miguel;REIS, Maria das Dores;MACHADO,Maurimar Melo Santos Costa.O preconceito no contexto educacional, UnilesteMG.2009.

MAX, Felipe.Desenvolvimento Pessoal.OLIVEIRA, Ricardo Augusto de. Indisciplina na escola como fator determinante no processo ensino aprendizagem: a experiência da escola são marco-CE,Universidade Vale do Acaraú, 2010.

SALES, Leila Maria Ferreira; SILVA, Joyce Mary Adam de Paula. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [30]: 149 - 166, janeiro/junho 2008.

SHIMIZU, Alessandra de Moraes; CORDEIRO, Ana Paula; MENIN, Maria Suzana de Stefano. Ética, preconceito e educação: características das publicações em periódicos nacionais de educação, filosofia e psicologia entre 1970 e 2003. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

SILVA, Macilene Severina da; SILVA, Marcelo Rodrigues da; ALVES, Maria de Fátima

Paz. Sexualidade e adolescência: é preciso vencer os tabus. In: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, 2. -12 a 15 de setembro de 2004, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, 2004.

TANNO, Maria Ângela dos Reis. Projeto Educativo: o Combate a Homofobia no Curso de Formação de Professores e a Promoção da Educação Afetivo Sexual no Ensino Fundamental, Brasília-DF, Enciclopédia Biosfera, N.03, Janeiro – junho 2007.

TREVISOL, Maria Teresa. Indisciplina escolar: sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental. Universidade do Oeste de Santa Catarina-UNOESC, 2008.